

8. Todos estavam com receio  
de contar à velha senhora  
que ela teria que retirar o seio

“Ah, não”  
“meu Deus, e agora?”

A filha mais velha  
fora designada  
para a difícil tarefa

“Senhor, ajude-nos”  
“O que falar agora?”

A velha ouviu-a impassível  
e rosto sem sangue  
gritou sem demora:  
“Às vezes necessário a poda  
para nos sentir mais fortes  
Pois que arranquem isto fora”

E todos ficaram  
À sua volta  
como aviõezinhos de brinquedo  
decorados com ventarolas  
sobrevoadando um rochedo

---

9. Na mesma hora, sempre na mesma hora

Sopra o vento da lembrança  
nas minhas plantações de rosas  
E as flores segredam teus traços  
Pétalas no chão são passos  
em minha direção

Na mesma hora, sempre na mesma hora

Ouçó o canto da nostalgia  
pelos meus íntimos canteiros  
cheios de caminhos perdidos

Na mesma hora, sempre na mesma hora

Eu desperto enquanto  
meus jardins internos sonham  
Tu és ainda sensível

à carne das rosas minhas...  
Nossas lembranças se atingem  
como duas asas de vidro  
do mesmo pássaro de vapor  
que voa e trina

Na mesma hora, sempre na mesma hora

Tuas mãos incorpóreas  
roubam de mim – rosas... Rosas!

---

10. Esta noite paralisada  
na posição de ioga  
Plena de mística  
Com nuvens de água  
Alguém, lá fora!

O negro entrou  
no hospital, cambaleante,  
como uma sombra desobediente  
que fugiu do muro  
Ele permaneceu sentado,  
esquálido, magro,  
pintado pela lua  
em tom azulado  
Às vezes, olhar perdido,  
falava para os lados,  
sorria sozinho,  
abria os braços,  
no reduzido palco

Ah, vida perdida!  
Mais uma!  
Quantas histórias repetidas

Plantão médico  
A madrugada branca  
no meu andar térreo  
a bater as janelas  
não me permite o descanso

---

11. Eu vivo no lugar  
onde há choro de meninos  
Meninos com medo  
Meninos com dor  
Meninos, velhos meninos

E nada sobe!  
Nem as gotículas  
de tosse  
Ou o mísero grito  
dos que sofrem  
Nada sobe!  
Sequer a oração tímida  
vacilante ainda jovem  
Apenas a coluna  
líquida de mercúrio  
galga alturas  
acima dos quarenta  
graus de temperatura

E há mãos convulsas  
Fogueira nas faces  
Corpos rubros  
A fumaça branquinha –  
menina nuvem  
inocente que engatinha,  
e quer ser um dia, neblina,  
e alcançar uma colina

Às vezes não sei  
o que faço aqui  
Nem como tudo isto começou  
ou o porquê  
Às vezes, observo tudo isto  
e tento não compreender

---

12. Entre as grades  
de duas linhas imaginárias,  
uma mão esquelética  
aponta-me o indicador:  
– És tu – Liberta-me!  
E eu, pobre poeta,  
se é que eu sou,  
agarro a ideia fraca  
pelo braço e laço-a  
em palavra, como  
quem também se salva!  
Empalho pensamentos –  
Taxidermia de ventos  
Meus escritos devem  
ser lidos em papéis  
de parede – Adornam  
mas conservam o grito!

---

13. A rosa cresceu no jardim,  
no local mais negro,  
rente à fonte seca  
Rosa branca!  
Rosa que ninguém viu!  
Semente que das patas  
da abelha, ali caiu  
Solitária, vicejou,  
na terra amarga,  
como uma pomba  
de várias asas  
Rosa branca!  
Rosa que ninguém viu!  
Triste, seu baile.  
Seu canto. Sua dança.  
E agora, despe-se  
Esconde de todos  
a dor infinita  
de ser branca  
e vai morrendo  
aos poucos, devagar  
Tão devagar  
que nem a morte percebeu  
E onde estavam todos?  
Onde estavam, meu Deus?

---

14. Eu vinha como uma mulher  
quieta, de andar cansado,  
com segredos enterrados,  
tendo o sonho como ave  
doméstica, asa ferida,  
empoleirado no meu ombro  
Eu vinha como uma mulher  
comum, neste dia a dia,  
a provar o jejum e a carestia  
destes tempos de miséria  
Eu vinha como uma mulher  
em fogachos, no climatério,  
de salto baixo, sem mistérios...  
Até que, de súbito, na rua,  
meu olhar viúvo encontrou  
o amor no olhar transeunte  
Mas foi só um instante.  
Não, dois. Sozinha,  
tudo se fora e se foi  
enquanto eu vinha...

---